A SAÚDE MENTAL DE MULHERES QUE FAZEM USO DO ÁLCOOL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Mental health of women who use alcohol: an integrative review

FILHO, João Pereira Amorim
Centro Universitário Cesmac - Maceió

GOMES, Ícaro da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FERRO, Rogério Costa
Hospital Sírio-Libanês

RESUMO: O uso do álcool na história da humanidade recebeu diversos significados ao longo dos anos, tais como símbolo de comemoração, partilha e até matrimônio. As mulheres tendem a desenvolver abuso e dependência de álcool mais rápido do que os homens, diante a própria constituição orgânica e social em que estão inseridas. A existência de barreiras na busca e permanência do tratamento é o maior obstáculo enfrentado pelas equipes especializadas nessa área. Assim, o objetivo desse estudo é realizar uma pesquisa de revisão integrativa das produções acadêmicas sobre a saúde mental de mulheres que fazem uso do álcool. O recorte de gênero neste estudo se deve a necessidade de aprofundar discussões neste tema devido à escassez de estudos que correlacione as variáveis. Através da abordagem qualitativa, foi realizado um levantamento de artigos científicos nas bases de dados online LILACS e SciELO. Os resultados elencaram cinco temas para expor e dialogar sobre os achados: o impacto do álcool sobre a vida das mulheres; fatores agravantes; representações subjetivas acerca do álcool; representações acerca do serviço; e realidades em números. Falar sobre saúde mental, mulheres e álcool elenca uma complexidade exigindo do pesquisador a habilidade de explorar e compreender os fenômenos que o cercam.

Palavras-chave: Saúde Mental; Mulheres; Álcool;

Abstract: The use of alcohol in the history of mankind has received several meanings over the years, such as a symbol of celebration, sharing and even marriage. Women tend to develop alcohol abuse and dependency faster than men, given their own organic and social constitution. The existence of barriers in seeking and maintaining treatment is the biggest obstacle faced by teams specialized in this area. Thus, the objective of this study is to carry out an integrative review research of academic productions on the mental health of women who use alcohol. The gender focus in this study should be necessary to deepen the discussions on this topic due to correlation studies as variables. Through the qualitative approach, a survey of scientific articles was carried out in the online databases LILACS and SciELO. The results listed five themes to expose and discuss the findings: the impact of alcohol on women's lives; aggravating factors; subjective representations about alcohol; representations about the service; and realities in numbers. Talking about mental health, women and alcohol lists a complexity requiring the researcher the ability to explore and understand the phenomena that surround him.

Key-words: Mental health; Women; Alcohol.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a humanidade sempre fez uso de substâncias químicas com inúmeros propósitos, fossem eles sedativos ou estimulantes, em seus diferentes formatos, bebidas, inalantes ou injetáveis. Seus propósitos e significados variam conforme o tempo e a cultura. O enfrentamento da problemática de pessoas com necessidades decorrentes do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas na atualidade constitui uma demanda mundial (Fejes, Ferigato & Marcolino, 2016, p. 255).

Vários foram os termos criados para denominar os indivíduos que consomem essas substâncias de maneira exagerada, e, entre tantos conceitos, o mais aceito atualmente é o de “dependência”. [...] é factível que, mesmo fazendo parte de rituais de sociabilidade, transcendência e autoconhecimento, o consumo de drogas, se descomedido, somado a outros fatores relacionados à vida dos usuários, pode gerar uma dependência (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2016, p. 364).

Aqui destacamos o alcoolismo, compreendido cientificamente como síndrome de dependência de álcool (SDA), que é sem dúvida um grave problema de saúde pública, sendo um dos transtornos mentais mais prevalentes na sociedade. Trata-se de uma patologia de caráter crônico, passível de muitas recaídas e responsável por inúmeros prejuízos clínicos, sociais, trabalhistas, familiares e econômicos. Ademais, é com frequência associada a situações de violência (sexual, doméstica, suicídio, assalto e homicídio), acidentes de trânsito e traumas (Seibel, 2010 *apud* Diehl, Cordeiro, Laranjeira *& cols,* 2011, pg. 129).

A relação do álcool com as mulheres

De acordo com os dados do Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira (Laranjeira, Pinsky, Zaleski & Caetano, 2007 *apud* Diehl, Cordeiro, Laranjeira *& cols,* 2011, pg. 376), em 2006, cerca de 41% das mulheres brasileiras acima de 18 anos beberam ao menos uma vez no ano, em comparação a 65% dos homens. Dessas mulheres, 33% beberam em binge, isto é, consumiram cinco ou mais doses na ocasião em que

mais beberam no ano anterior à pesquisa. Há uma diferença marcante entre a frequência do consumo de álcool entre os gêneros. Os homens apresentam índices de abstinência 40% menor do que as mulheres (35 *versus* 59%, respectivamente) (Diehl, Cordeiro, Laranjeira *& cols,* 2011, pg. 376).

Os homens apresentaram maior frequência no consumo de álcool. Em relação ao tipo de bebida alcoólica mais consumida, a cerveja está em primeiro lugar entre os dois gêneros em todo o país. Porém, no geral, as mulheres mostraram consumir mais vinho em relação aos homens, e estes, por sua vez, mais destilados (Diehl, Cordeiro, Laranjeira *& cols,* 2011, pg. 376).

Apesar de consumirem menos álcool do que homens, mulheres tendem a desenvolver abuso e dependência de álcool mais rápido. Dentre os fatores que influenciam este processo, destacam-se o "efeito telescópio", segundo o qual as mulheres iniciavam o tratamento com histórias mais curtas de problemas com álcool do que os homens, mas com sintomas equivalentes, os fatores farmacológicos, fatores genéticos, fatores psicológicos, e até fatores sociais (Diehl, Cordeiro, Laranjeira *& cols,* 2011, pg. 376 a 378).

Oliveira *et. al.* (2012) realizaram um estudo descritivo com o objetivo de caracterizar as mulheres atendidas em um Hospital de Ensino do Noroeste do Paraná, por abuso de álcool. Concluíram que a população feminina representa um subgrupo da população suscetível ao abuso do álcool, sendo que foi possível descrever as áreas de impacto na saúde da mulher, possibilitando a implementação de medidas preventivas para diminuir a ocorrência, as complicações e a reincidência nessa população.

O comportamento de beber em mulheres é influenciado por diversos fatores demográficos, tais como idade, estado civil, ocupação e etnia (Plant, 1997, apud Edwards, Marshall e Cook, 2005, pg 154). Edwards, Marshall e Cook (1997, pg 154) ainda destacam que "tais aspectos interagem com outros fatores de risco, como predisposição genética (Kendler e cols., 1995; Prescott e cols., 1997), fatores psicológicos e socioculturais nas determinações do início e na evolução do beber problemático (Wilsnack e cols., 1994)". Mulheres com problemas com álcool apresentam mortalidade elevada em comparação com a população geral e com os homens que bebem pesadamente (Lindberg e Agren, 1988, apud Edwards, Marshall e Cook, 2005, pg. 156).

É seguindo o viés da saúde pública e da inclusão da questão do uso problemático de drogas no âmbito de intervenção das políticas públicas que são pensadas e postas em prática novas formas de cuidado a esses indivíduos, a exemplo dos Centros de Atenção Psicossocial para usuários de Álcool e outras Drogas (CAPS AD) (Ministério da Saúde, Portaria Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002).

Como proceder?

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo exprime as suas capacidades, enfrenta fatores estressores normais da vida, trabalha produtivamente e de modo frutífero, e contribui para a sua comunidade (WHO 2001, apud Ribeiro *et al.,* 2015, p. 279).

A incapacidade de buscar tratamento pode refletir barreiras reais ou imaginárias, que são específicas para as mulheres (Edwards, Marshall e Cook, 2005, pg. 158). A existência dessas barreiras na busca e permanência do tratamento é o maior obstáculo enfrentado pelas equipes especializadas nessa área.

O tratamento teria por objetivo melhorar a qualidade de vida e a saúde mental dessas mulheres acometidas pelo consumo abusivo do álcool, para, só assim, terem condições de agir perante a situação. Dentro do serviço público, entre as modalidades existentes do Centro de Atenção Psicossocial, inseridos nas Redes de Atenção Psicossocial, o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPS AD) têm como objetivo atender essa população que tem problemas com o uso e abuso do álcool e outras drogas.

O CAPS AD é um serviço público de saúde mental aberto e de caráter comunitário, indicado para municípios ou regiões com população acima de setenta mil habitantes (Ministério da Saúde, Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011). Sua proposta é oferecer o serviço especializado multiprofissional a usuários decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Além do acompanhamento médico, o usuário é avaliado pelo psiquiatra e psicólogo, para que seja desenvolvido estratégias de acompanhamento e tratamento nas oficinas realizadas no serviço, trabalhos em grupos e com outros profissionais da instituição.

É impossível descrever completamente os aspectos que influenciam as mulheres que ingressaram no consumo do álcool a buscar ajuda em seus problemas, independente da origem destes. Assim, o CAPS AD pode agir fornecendo ajuda de escuta, acompanhando-as, orientando-as, realizando os encaminhamentos necessários, prescrevendo medicamentos, desenvolvendo grupos e oficinas que as auxiliem em seu processo, em seu relacionamento com o álcool, desenvolvendo uma abordagem capaz de fornecer um acompanhamento integral e melhorando sua qualidade de vida e saúde mental.

De modo geral, as mulheres não procuram prontamente os serviços especializados em alcoolismo, tendendo mais a buscar serviços generalistas, pelo menos na primeira vez (Edwards, Marshall e Cook, 2005, pg. 159). O CAPS AD, como serviço de referência a essas demandas específicas, recebe muitas vezes as demandas encaminhadas através de outros serviços básicos de saúde. Assim, é possível a realização de um trabalho voltado a saúde mental com as pessoas nessas situações.

O recorte de gênero neste estudo se deve a necessidade de se aprofundar cada vez mais nessas discussões, visto que “em relação às mulheres, os padrões de consumo de álcool, tabaco e outras drogas têm se aproximado cada vez mais dos observados entre os homens” (Laranjeira, 2012, apud Fejes, Ferigato & Marcoline, 2016, p. 255).

Poderá se obter resultados capazes de subsidiar dados para, por exemplo, determinados campos específicos desenvolverem trabalhos direcionados a essa área como o próprio CAPS AD, e como outros serviços da rede como o Centro de Referência a Assistência Social (CRAS) e o Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF). A divulgação dos resultados poderá auxiliar a comunidade científica há desenvolver novos trabalhos sobre a temática trabalhada, utilizando-se como referência o mesmo.

É tendo em vista esse contexto que este estudo tem por objetivo realizar uma pesquisa de revisão integrativa a cerca das produções acadêmicas sobre “a saúde mental de mulheres que fazem uso do álcool”, por meio do levantamento de estudos sobre o tema nos últimos 5 anos, da discussão sobre os achados da pesquisa e da proposição de discussões sobre as possibilidades interventivas dos estudos encontrados.

METODOLOGIA

Este trabalho possui o caráter de pesquisa de revisão integrativa acerca do tema central, seguindo uma abordagem qualitativa, para o qual foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados nos últimos 5 anos e indexados nas bases de dados LILACS e SciELO, na qual se utilizou dos seguintes descritores: “Álcool”, “CAPS AD” e “Mulheres”. Utilizou-se do método de cruzamento “AND”, nos meios de busca, por meio da organização das seguintes sentenças: “Álcool AND CAPS AD”, “Álcool AND Mulheres”, “CAPS AD AND Mulheres” e “Álcool AND CAPS AD AND Mulheres”.

Após realizar a busca com as sentenças pré-definidas, foram aplicados os filtros do próprio site como critérios de inclusão, sendo eles: texto completo disponível; pais de afiliação e assunto: Brasil; idiomas dos textos em português; publicações desde o ano de 2014; tipo de documento: artigo.

Por fim, foram utilizados para discussão os estudos que retratam sobre a relação existente entre os temas. Para critérios de exclusão, utilizou-se das seguintes premissas: a) artigos não publicados em *full text e* b) não estar correspondente ao objetivo do estudo.

Os trabalhos publicados em mais de um mesmo banco de dados e que encontram-se repetidos conforme a variação de utilização das sentenças, serão considerados apenas uma única vez na contagem final.

RESULTADOS

Em um primeiro momento, ao utilizar-se as sentenças para levantar o número de artigos, obteve-se 3884 resultados encontrados. Após a utilização dos filtros nos bancos de dados eletrônicos, o levantamento constatou um total de 144 artigos encontrados. Em seguida, foram revisados para selecionar apenas os estudos que retratam os temas propostos nesta pesquisa.

O número final de trabalhos selecionados para este estudo foi 11. Assim, o quadro a seguir consta a representação dos respectivos trabalhos, exibindo-os de acordo com suas informações principais: referências e objetivos.

Quadro 1: *Classificação dos dados dos artigos de acordo com os tópicos: Referências e Objetivos.*

Referências	Objetivos
Barbosa, Souza e Freitas (2015)	Compreender o impacto da violência sexual sofrida por mulheres com transtornos mentais a partir de autorrelato de suas experiências.
Horta, *et al.* (2015)	Examinar a variação das taxas de hospitalização psiquiátrica e o tempo médio de permanência em hospital, no sistema público de saúde no estado do Rio Grande do Sul, de 2000 a 2011.
Kano, Santos e Pillon (2014)	Avaliar a consistência interna da versão traduzida e adaptada para o Brasil do instrumento Michigan Alcoholism Screening Test – Geriatric Version (MAST-G).
Lacerda e Fuentes-Rojas (2017)	Apresentar os significados e sentidos de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) para seus usuários.
Lima, Coelho e Andrade (2017)	Apresentação de indicadores relacionados às mulheres que fazem uso excessivo de álcool.
Macedo, *et al.* (2018)	Investigar as condições de vida e formas de apoio social em assentamentos de reforma agrária no Piauí frente aos casos de Transtorno Mental Comum (TMC) e de uso abusivo de álcool.
Oliveira, *et al.* (2017)	Caracterizar o perfil sociodemográfico e clínico de pessoas atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas.
Ribeiro e Carvalho (2015)	Analisar as características sociodemográficas e o padrão de uso de drogas em pacientes dos CAPS-AD de Curitiba, Paraná.
Silva e Lyra (2015)	Conhecer o significado do beber entre mulheres que sofrem de alcoolismo e buscam tratamento através de um serviço especializado.
Soccol, *et al.* (2018)	Compreender os motivos atribuídos por mulheres ao abuso de substâncias psicoativas.
Vargas, *et al.* (2015)	Caracterizar e compreender o contexto em que se dá o primeiro contato de mulheres com problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas que procuraram atendimento em um serviço especializado em álcool e outras drogas.

DISCUSSÃO

A explanação a seguir compreende a utilização dos conhecimentos a cerca dos achados neste trabalho a fim de dialogar sobre a temática de forma clara, elencando a importância dos aspectos que à circundam.

Impacto do álcool sobre a vida das mulheres

Vargas *et al.* (2015) tentaram caracterizar e compreender o contexto em que se dá o primeiro contato de mulheres com problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas que procuraram atendimento em um serviço especializado em álcool e outras drogas.

Parcela significativa das respostas obtidas nos prontuários mostrou que o primeiro contato com as drogas aconteceu dentro da própria casa, escondido ou até mesmo junto com familiares. Os resultados mostraram que em muitos casos o primeiro contato das mulheres com substâncias psicoativas deu-se na rua (Vargas *et al.,* 2015, p. 789).

A representação da família como um caminho de entrada para o uso e abuso de substâncias como o álcool é também representada no estudo de Soccol *et al.* (2018). Em seu estudo, ao compreender os motivos atribuídos por mulheres assistidas pelo CAPS ao abuso de substâncias psicoativas, desvelaram-se duas categorias concretas do vivido: 1) Influências das relações sociais para o uso/abuso de substâncias psicoativas; 2) Perdas e conflitos familiares como motivo para o abuso de substâncias psicoativas (Soccol *et al.,* 2018, p. 3).

Elas iniciaram o uso de substâncias psicoativas por influência da família, mãe e demais familiares, uma ação social que foi vivenciada desde a infância, por meio da convivência com seus antecessores que também faziam uso. Também constatou-se a influência de semelhantes para o abuso de substâncias psicoativas, como dos companheiros, namorados ou maridos (Soccol *et al.,* 2018, pp. 3-4).

As mulheres, ao dividirem o tempo e o espaço com pessoas que também usavam substâncias psicoativas, estabeleceram com esses relações de familiaridade. Assim sendo, o convívio com outros usuários é um potente influenciador na rede de motivações dessas mulheres. Dessa forma, o uso de substâncias psicoativas por mulheres está associado com o desejo de inserir-se, ser aceita e respeitada socialmente ou então por pressão de um determinado grupo social (Soccol *et al.,* 2018, p. 4).

Em suma, o mundo da vida dessas mulheres foi constantemente permeado por dificuldades nas relações sociais, manifestadas pela falta de

afetividade e de estabelecimento de vínculos, também por perdas, agressões e dificuldades financeiras. Essas situações vivenciadas pelas mulheres em seu mundo da vida são os motivos (porque?) que as levaram ao abuso de substâncias psicoativas (Soccol *et al.,* 2018, p. 6).

Fatores agravantes

Barbosa, Souza e Freitas (2015) tentaram compreender o impacto da violência sexual sofrida por mulheres com transtornos mentais a partir de autorrelato de suas experiências.

Cinco participantes declararam fazer uso de bebidas alcoólicas e três de drogas ilícitas, o que foi justificado como forma de aliviar ansiedades e tristezas ou por influência do meio em que viviam: “Eu via todo mundo usando e queria usar também (E14, 22anos)”. Observou-se que o grupo apresentava baixa autoestima e sentimento de inferioridade, o que pode ser interpretado como decorrente das situações de preconceito, abandono e exclusão social vivenciadas por esse grupo populacional, que se agravam quando há histórias de violência sexual: “Eles têm preconceito de mim, pelo fato de eu ser assim (E16, 38 anos)” (Barbosa, Souza & Freitas, 2015, p. 275).

Houve um relato no qual se observou que a situação de abuso sexual era favorecida pelo uso de álcool, no qual foi afirmado por ela: “[...] quando eu acordo, acordo com um pé em cima de mim... eu me sinto assim: abusada. De repente, acordo com a calça suja, com a cama suja. É muito ridículo, é muita rebaixeza. Eu nem conhecia ele direito... (E17, 47 anos)”. Tratava-se de uma entrevistada separada do marido e com maiores dificuldades para se autodefender. Era analfabeta, usuária de álcool e apresentava delírios permanentes. Apesar de morar com uma filha, considerava não ter seu apoio, porque brigavam constantemente e por que ela acreditava que a filha não era legítima, por ser fruto de um estupro (Barbosa, Souza & Freitas, 2015, p. 276).

Ela, que dizia ter relações sexuais com vários parceiros, manifestou desejo de ser internada, porque no hospital se sentia mais protegida. Mostrou-se submetida e submissa a esse contexto desfavorável, em uma história de vida centrada no sofrimento (Barbosa, Souza & Freitas, 2015, p. 276).

O sofrimento psíquico causado por essas perdas, esses motivos, que levam as mulheres a adentrarem e permanecerem neste mundo do álcool são ressaltados cada vez mais ao passar do tempo.

Kano *et al.* (2014) ao avaliarem a consistência interna da versão traduzida e adaptada para o Brasil do *Instrumento Michigan Alcoholism Screening Test – Geriatric Version* (MAST-G) em uma população de idosos, encontraram um dado interessante no presente estudo, que se refere ao número de mulheres na amostra, independentemente da questão numérica, uma vez que não houve diferença quando comparadas aos homens. Destaca-se que quase a metade (46%) delas tem apresentado um padrão nocivo de consumo de bebidas alcoólicas.

Macedo *et al.* (2018) corroboram tal discussão ao apresentar dados que podem indicar que apesar de haver menos mulheres que fazem uso problemático de álcool em comparação aos homens, a questão de gênero é um elemento definidor de vulnerabilidade para as mulheres, visto que contam com menor apoio, associado ao estigma e maior grau de reprovação social existente na comunidade, já que ao beberem escapam do papel de boa mulher, cuidadora dos filhos, do marido e da casa (Alves, 2015).

Representações subjetivas a cerca do álcool

No estudo de Silva e Lyra (2015), eles se propuseram a conhecer o significado do beber entre mulheres que sofrem de alcoolismo e buscam tratamento através de um serviço especializado.

Em um primeiro momento os dados mostram que o uso de bebidas alcoólicas encontra-se presente na vida das participantes e que o uso nocivo do álcool tem acometido mulheres de diferentes idades, estados civis, religiões, escolaridades e ocupações (Silva & Lyra, 2015, p 777).

No segundo momento, foi realizada a análise das entrevistas, quando as mulheres deste estudo destacaram quatro aspectos significativos em suas vidas: a tristeza, o prazer, o preconceito e a solidão diante do uso sem controle e da dependência do álcool. Nos discursos das entrevistadas pode-se observar que elas apresentaram um senso comum sobre o significado da dependência de álcool em mulheres, ou seja, de que ser mulher e beber sem controle é algo condenável, permeado de preconceito. E isso revelou que, em suas

experiências, os seus sentimentos tiveram significados semelhantes perante a problemática da dependência do álcool, tendo isso representado uma forma de pensar coletivamente sobre o mesmo assunto, o que é amparado por pensadores da Teoria das Representações Sociais (Jodelet, 2001; Goldenberg, Marsiglia & Gomes, 2003; Silva & Lyra, 2015, p 777).

As entrevistadas se sentem mais penalizadas do que os homens. Elas se mostraram desabonadas ao procurarem ajuda, justamente pela visão que a sociedade demonstra – compartilhada por todas as participantes –, ao taxá-las de pervertidas, donas de comportamento impróprio e renunciadoras aos papéis tradicionalmente atribuídos a elas, como o de mãe e o de esposa. Esses fatos adiaram a procura delas por tratamento, e isso acabou por trazer-lhes sérios prejuízos (Silva & Lyra, 2015, p 780).

Faz-se necessário repensar o lugar que o álcool ocupa na configuração e nas relações sociais e familiares das mulheres: a responsabilidade pelo processo saúde-doença é permanente via de mão dupla, visto que o individual se constrói no coletivo, e a qualidade das relações aí estabelecidas influencia na forma como as pessoas irão responder/reagir.

Por fim, Silva e Lyra (2015) destacam a importância do atendimento no CAPS-AD, do SUS, para ambos os sexos, ao acolher mulheres com dependência de álcool que precisem lidar com sentimentos de tristeza e solidão, além de vivenciar preconceitos e discriminações.

A inclusão social dessas mulheres fez a diferença no sentido de colocá-las no mesmo espaço de cuidado que os homens, quebrando tabus e preconceitos. Assim, garantiu o direitos à cidadania para todos, independentemente de gênero, promovendo a solução dessa problemática vivida entre as mulheres e os homens na saúde, no trabalho, na família e no social. O trabalho de acolhimento de mulheres com este tipo de sofrimento é essencial para minimizar as consequências dos prejuízos e danos provocados pela dependência do álcool, pois oferece condições para novos conhecimentos, descobertas e para o enfrentamento da realidade, o que contribui para a construção de novos significados e a reestruturação da vida dessas pessoas (Silva & Lyra, 2015, p 780).

Representações a cerca do serviço

Lacerda e Fuentes-Rojas (2017) ao realizarem entrevistas semi-estruturadas em um CAPS-AD, compreenderam que os significados e sentidos mais presentes nos discursos indicavam uma relação positiva com o serviço, visto como um local de apoio e cuidado. Constatou-se, também, que o CAPS, ao se mostrar como um local acolhedor e que proporciona o acesso a direitos para além da saúde, precisa ponderar entre o acesso a direitos e benefícios e a construção de autonomia, de forma que o serviço não deixe de atuar no âmbito social, mas, também, possa promover a reinserção social e o empoderamento desses indivíduos.

Decifrar os significados e sentidos que o CAPS tem para seus usuários indica compreender: suas formas de se relacionarem com o serviço, quais demandas buscam responder com esse cuidado especializado, e como o CAPS responde às suas demandas e solicitações. Dito isto, foi possível identificar quatro categorias apresentadas nas falas dos usuários em relação ao sentido e significado do CAPS: local de acolhimento, apoio e cuidado; espaço de resolução de problemas dos usuários; local que reinsere socialmente; e, por último, um serviço ineficiente em suas ações (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 367).

Na mesma intensidade em que os usuários reconhecem o serviço de maneira positiva, eles deslegitimam a própria capacidade de crítica ao espaço. Quando solicitados a opinar sobre o serviço, quase sempre começavam suas argumentações diminuindo a si mesmos, como se, em decorrência da situação de dependência de drogas, não fossem capazes de fazer críticas a esse espaço (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 367).

Relato de mulher:

> *“Assim, eu mesmo, é igual eu tava falando pro pessoal que veio aqui. Antigamente eu falava assim ‘ah é, eles estão lá só porque eles estão sendo pagos, porque senão eles não tavam nem aí’. Algumas pessoas pode ser que seja assim, só que, eu fui tratada de uma forma assim, eles me acolheram aqui de uma forma assim tão carinhosa que eu me apeguei aos funcionários aqui do CAPS, entendeu?! Então assim, é igual eu falo pra eles, que eu agradeço muito todo o apoio que eles tava me dando, porque foi o que me ajudou, entendeu?! [...]”(Mulher, 20 anos*) (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 367).

Ao mostrá-lo como um local acolhedor e que proporciona o acesso a direitos para além da saúde, em algumas falas, foi perceptível uma relação de dependência muito intensa entre alguns usuários e o CAPS, em que os primeiros acabavam transferindo ao serviço a função de resolver demandas que não dizem respeito às atribuições dessa instituição. Esse contexto chama a atenção para o sentido conferido a essa instituição como um espaço de resolução de problemas dos usuários, deixando o tratamento em segundo plano (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 368).

O sentido do CAPS como ambiente de reinserção social também se fez manifesto. Ocorreram relatos em que houve um reconhecimento das ações e articulações desse serviço para a reinserção de seus usuários na sociedade. Essa interpretação esteve presente em usuários em acompanhamento no serviço há mais de dois anos, que se referem à boa relação com os funcionários e à forte relação de vínculo (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 368).

O sentido do CAPS como um local que despreza, [...] pode ser reflexo de um serviço que atende a uma demanda maior do que sua própria capacidade (Lacerda & Fuentes-Rojas, 2017, p. 369).

Realidades em números

Apesar de compreendermos os tipos de representações do serviço do CAPS-AD às usuárias, é necessário tomar conhecimento, também, das representatividades e frequências dessas usuárias nos serviços.

Oliveira *et al.* (2017) ao caracterizarem o perfil sociodemográfico e clínico de pessoas atendidas em um CAPS-AD constataram que embora a literatura internacional registre um aumento progressivo no consumo de substâncias psicoativas nas últimas décadas por mulheres, estudos apontam que elas buscam e permanecem menos no tratamento para transtornos decorrentes do consumo de substâncias psicoativas em decorrência dos aspectos históricos e culturais que envolvem o papel da mulher na sociedade, do estigma social relacionado ao consumo de substâncias psicoativas e da alteração da autoimagem. Estes aspectos reprimem as suas atitudes e favorecem o sentimento de vergonha. Como consequência, as mulheres retardam a busca de tratamento para seu transtorno (Oliveira *et al.,* 2017, p. 7).

Ribeiro e Carvalho (2015) ao analisarem as características sociodemográficas e o padrão de uso de drogas em pacientes dos CAPS-AD em grupos de usuários no início do tratamento e já no terceiro mês, verificaram-se que a maioria dos entrevistados fez uso de um ou mais tipos de drogas por mais de 10 anos. Álcool, seguido do tabaco, maconha, cocaína e crack foram as utilizadas por mais tempo (mais que 10 anos) em ambos os grupos estudados. No presente estudo, verificou-se menor proporção de mulheres no grupo de terceiro mês comparado ao grupo de início de tratamento (15,5% e 20,1%, respectivamente), indicando prevalência ainda menor de mulheres em fases mais adiantadas de tratamento (Ribeiro & Carvalho, 2015, p. 225).

O baixo número de mulheres dependentes de drogas em tratamento nos CAPS-AD revela a importância de estratégias, no âmbito da atenção básica, que possam criar condições para que elas, primeiro, acessem o serviço e, posteriormente, apropriem-se do tratamento necessário, a fim de que possam encontrar o apoio que precisam para a sua recuperação. Nesse sentido, é preciso que o serviço leve em consideração as singularidades das mulheres, considerando os aspectos que permeiam o universo das usuárias de drogas (Ribeiro & Carvalho, 2015, p. 228).

Pelo seu caráter de fácil acesso, o álcool e o tabaco, drogas lícitas, apresentam-se como sendo as mais consumidas pelos pacientes dos CAPS-AD. São diversos os agravos à saúde já relacionados a essas drogas. Nesse sentido, ressalta-se a importância de ações de prevenção para abuso dessas drogas na população de forma geral, bem como estratégias específicas que atentem para a problemática de abuso de drogas lícitas pelos pacientes de CAPS-AD, mesmo entre aqueles cujo principal motivador da busca pelo tratamento foram as drogas ilícitas (Ribeiro & Carvalho, 2015, p. 228).

Oliveira *et al.* (2017, p. 10) ressaltam sobre essa necessidade:

> *De ações de promoção e atenção à saúde no território, para resgatar as mulheres com transtornos decorrentes do consumo de substâncias psicoativas e melhorar o acesso delas aos dispositivos de saúde, bem como tentar minimizar o estigma e o preconceito ainda difundidos na sociedade quanto aos valores morais que envolvem o comportamento de mulheres que utilizam substâncias psicoativas.*

Lima, Coelho e Andrade (2017) apresentam indicadores relacionados às mulheres que fazem uso excessivo de álcool. Os resultados foram obtidos com base em informações de 36 mulheres dependentes de álcool no município de João Pessoa, levando em consideração as mulheres que buscavam tratamento no Caps AD III, Centro POP e Ruartes (Lima, Coelho e Andrade, 2017, p. 804). Segundo dados do Programa das Nações Unidas (PNUD) (2013), para o estado da Paraíba, 36,1% das mulheres que fazem uso excessivo de álcool estavam na faixa etária de 18 a 39 anos de idade e cerca de 14% não possuíam grau de instrução (Lima, Coelho & Andrade, 2017, p. 805).

Entre as entrevistadas que relataram consumir excessivamente bebidas alcoólicas, 91,67% relataram fazer uso em conjunto com outras drogas. “O uso de antidepressivos e de cigarro pode ser entendido como uma busca dessas substâncias como terapia para auxiliar no tratamento da dependência de álcool, visto que o antidepressivo é prescrito provavelmente pelos médicos onde as mulheres buscam tratamento e o cigarro é tido como uma droga de menor risco que o álcool (FINOTTI, 2015, citado como em Lima, Coêlho & Andrade, 2017, p. 805).”

Sobre o uso de álcool, a maioria (79,46%) também confirmada no estudo de Almeida (2013, *apud* Lima, Coelho e Andrade, 2017, pp. 805-806), faz uso de álcool isoladamente ou combinado com outras drogas. Tal estudo objetivou averiguar os fatores associados ao abandono do tratamento para a dependência química no município de João Pessoa, concluindo que o consumo do crack e principalmente do álcool são grandes contribuintes para o abandono do tratamento.

Horta *et al.* (2015) constataram em termos percentuais, o crescimento das taxas de hospitalização por diagnósticos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas entre os homens foi de 125% no período, enquanto entre as mulheres foi de 445%.

Os dados examinados mostraram estabilidade ou crescimento nas taxas de internações acompanhadas de redução dos tempos médios de hospitalização, de modo simultâneo à efetivação da oferta de serviços substitutivos no Estado (Horta *et al.,* 2015, p. 925).

O fortalecimento das redes locais de cuidado em saúde mental, com a oferta de atenção em saúde mental em diferentes municípios do Estado, pode

explicar, pelo menos em parte, as flutuações nas taxas examinadas. Entretanto, a implantação das redes locais não tem sido homogênea, pois em algumas regiões do estado observou-se, no mesmo período, cobertura insuficiente dos serviços especializados (Horta *et al.,* 2015, p. 925).

Os padrões contemporâneos de consumo de álcool e outras drogas e a inserção das mulheres de um modo amplo em todos os mercados se associaram à reformulação do setor saúde mental, com oferta de serviços nas comunidades, por enquanto, com taxas mais elevadas de hospitalizações em psiquiatria. Este aumento foi suportado, em parte, por se alcançar um dos objetivos da reforma assistencial do setor, com a redução proposta nos tempos médios de hospitalização (Horta *et al.,* 2015, p. 927).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos a cerca dessas temáticas tornam-se bastante amplos diante tantas vertentes e possibilidades de trabalho. Falar sobre saúde mental, mulheres e álcool varia de contexto para contexto, de cultura para cultura, exigindo do pesquisador a habilidade de explorar e compreender os fenômenos que o cercam. Falar sobre saúde mental é falar sobre o sofrimento e a felicidade, é falar sobre os aspectos que influenciam a psique do ser humano, já ao falar sobre mulheres é necessário além de falar sobre a saúde biopsicossocial, haver a compreensão de todo o contexto antropológico e sociohistórico em que ela pode estar inserida, e ao abordar a temática do álcool restrige-se o tema a uma pequena parte da população que sofre deste fator, limitando-se há apenas uma parcela de todo o contexto.

Os resultados desse trabalho falam principalmente sobre cinco temas gerais aos quais pode-se expor e dialogar sobre os resultados dos artigos, sejam eles: o impacto do álcool sobre a vida das mulheres; fatores agravantes; representações subjetivas a cerca do álcool; representações a cerca do serviço; e realidades em números.

A proposta final de oferecer uma compreensão sobre as produções acadêmicas dos últimos cinco anos sobre esta temática foi cumprida tendo em vista a possibilidade de uma construção de uma discussão encima dos artigos encontrados.

A condição de saúde mental das mulheres que fazem uso do álcool é bastante discutida e preocupante, tendo em vista que é influenciada por vários aspectos, tais como as relações familiares, relações íntimas, relações sociais, relações com os próprios serviços especializados, e até relações com outras substâncias psicoativas. Faz-se necessário pesquisar cada vez mais sobre esta temática a fim de subsidiar conhecimentos capazes de auxiliar profissionais da área a aprimorar sua *praxys*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. A. G., de Souza, M. C. M. R & Freitas, M.I.F. Violência sexual: narrativas de mulheres com transtornos mentais no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. 2015;37(4/5):273–8.

BRASIL. **Portaria Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Portaria que define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Estes serviços passam a ser categorizados por porte e clientela, recebendo as denominações de CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSi e CAPSad. Ministério da Saúde.

BRASIL. **Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Ministério da Saúde.

DIEHL, A., Cordeiro, D. C., Laranjeira, R. & cols. Dependência quimica: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

EDWARDS, G., Marshall, E. J. & Cook, C. C. H. O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde; tradução Amarilis Eugênia Fernandez Miazzi; Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Ronaldo Laranjeira, Marcelo Ribeiro. 4ed, Porto Alegre: **Artmed**, 2005.

FEJES, M. A., Ferigato, S. H. & Macolino, T. Q. Saúde e cotidiano de mulheres em uso abusivo de álcool e outras drogas: uma questão para a Terapia Ocupacional**. Rev Ter Ocup Univ**. São Paulo. 2016 set.-dez; 27(3): 254-62. DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p254-262.

HORTA, R. L., Costa, J. S. D., Balbinot, A. D., Watte, G., Teixeira, V. A. & Poletto, S. Hospitalizações psiquiátricas no Rio Grande do Sul de 2000 a 2011. **Rev Bras Epidemiol** Out-Dez 2015; 18(4): 918-929.

KANO, M. Y., Santos, M. A. & Pillon, S. C. Uso do álcool em idosos: validação transcultural do Michigan Alcoholism Screening Test – Geriatric Version (MAST-G). **Rev Esc Enferm USP** 2014; 48(4):648-55 www.ee.usp.br/reeusp/. DOI: 10.1590/S0080-623420140000400011.

KENDLER, K.S., Walters, E.E., Neale, M.C., Kessler, R.C., Heart, A.C. & Eaves, L.J. The structure of the genetic and environmental risk factors for six major psychiatric disorders in women. Archives of General Psychiatric 52, 374-83. (1995). Apud Edwards, G., Marshall, E. J. and Cook, C. C. H. O tratamento do Alcoolismo: Um guia

para profissionais da saúde; tradução Amarilis Eugênia Fernandez Miazzi. 4ed, Porto Alegre: **Artmed**, 2005, pag 154.

LARANJEIRA, R., Pinsky, I., Zaleski, M. & Caetano, R. I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas; 2007. Apud Diehl, A., Cordeiro, D. C., Laranjeira, R. & cols. Dependência quimica: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

LIMA, I. M. B., Coêlho, H. F. C. & Andrade, J. M. Uso do método Respondent Driven Sampling para avaliação do alcoolismo em mulheres. **Saúde debate** | Rio de Janeiro, v. 41, n. 114, p. 801-811, jul-set 2017. DOI: 10.1590/0103-1104201711410.

LINDBERG, S. & Agren, G. Mortality among male and female hospitalized alcoholics in Stockholm 1962-1983. British Journal of Addiction 83, 1193-200. (1998). Apud Edwards, G., Marshall, E. J. and Cook, C. C. H. O tratamento do Alcoolismo: Um guia para profissionais da saúde; tradução Amarilis Eugênia Fernandez Miazzi. 4ed, **Porto Alegre: Artmed**, 2005, pag 156.

MACEDO, J. P., Dimenstein, M., Silva, B. I. B. M., Sousa, H. R. & Costa, A. P. A. Apoio Social, Transtorno Mental Comum e Uso Abusivo de Álcool em Assentamentos Rurais. **Trends Psychol**, Ribeirão Preto, vol. 26, nº 3, p. 1123-1137 - Setembro/2018. DOI: 10.9788/TP2018.3-01Pt.

OLIVEIRA, G.C., Dell'Agnolo, C. M., Ballani, T. S. L., Carvalho, M. D. B. & Pelloso, S. M. Consumo abusivo de álcool em mulheres. **Rev Gaúcha Enferm**., Porto Alegre (RS) 2012 jun; 33(2): 60-68.

OLIVEIRA, V. C., Capistrano, F. C., Ferreira, A. C. Z., Kalinke, L. P., Felix, J. V. C. & Maftum, M. A. Perfil sociodemográfico e clínico de pessoas atendidas em um CAPS AD do Sul do país. **Rev baiana enferm** (2017); 31(1):e16350. DOI 10.18471/rbe.v31i1.16350.

PLANT, M. Women and alcoho: Contemporary and Historical Perspectives. London: Free Assosciation Books. (1997) Apud Edwards, G., Marshall, E. J. & Cook, C. C. H. O tratamento do Alcoolismo: Um guia para profissionais da saúde; tradução Amarilis Eugênia Fernandez Miazzi. 4ed, Porto Alegre: **Artmed**, 2005, pag 154.

RIBEIRO, D. R. & Carvalho, D. S. O padrão de uso de drogas por grupos em diferentes fases de tratamento nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD). J **Bras Psiquiatr.** 2015;64(3):221-9. DOI: 10.1590/0047-2085000000082.

SILVA, M. G. B. & Lyra, T. M. O beber feminino: socialização e solidão. **Saúde Debate** | Rio de Janeiro, v. 39, n. 106, p. 772-781, jul-set 2015. DOI: 10.1590/0103-1104201510600030017.

SOCCOL, K. L. S., Terra, M. G., Padoin, S. M. S., Ribeiro, D. B., Siqueira, D. F. & Canabarro, J. L. Motivos do abuso de substâncias psicoativas por mulheres assistidas em Centro de Atenção Psicossocial. **Rev Gaúcha Enferm**. 2018;39:e20170281. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.20170281.

VARGAS, D., Soares, J., Leon, E., Pereira, C. F. & Ponce, T. D. O primeiro contato com as drogas: análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. **Saúde Debate** | Rio de Janeiro, V. 39, N. 106, P. 782-791, jul-set 2015. DOI: 10.1590/0103-1104201510600030018.

WILSNACK, S.C., Wilsnack, R.W. & Hiller-Sturmhofel, S. How women drink. Epidemiology of women's drinking and problem drinkin. Alcohool Health and Research World 18,173-84. (1994). Apud Edwards, G., Marshall, E. J. &Cook, C. C. H. O tratamento do Alcoolismo: Um guia para profissionais da saúde; tradução Amarilis Eugênia Fernandez Miazzi. 4ed, Porto Alegre: **Artmed**, 2005, pag 154.

WHO (2001). Strengthening mental health promotion. Geneva,CH: World Health Organization (Fact sheet no. 220) (retirado em Janeiro de 2014, de http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/) apud Ribeiro J. P., Neto C., Silva M., Abrantes C., Coelho M., NunesJ., & Coelho V. Ulterior Validação do Questionário de Saúde Geral de Goldberg de 28 Itens. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 2015, 16(3), 278-285. Eissn - 2182-8407. DOI: http://dx.doi.org/10.15309/15psd160301.

SOBRE OS AUTORES:

João Pereira Amorim Filho. Pós-graduado em Psicologia Clínica e Saúde Mental pelo Centro Universitário Cesmac. Graduado em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Patos – UNIFIP. E-mail: joao_jap13@hotmail.com

Ícaro da Silva Gomes. Residente em Saúde Materno Infantil pela Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). Pós-Graduando em Saúde Mental e Redes de Atenção Psicossocial pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM). Pós-Graduando em Saúde Mental da Criança e do Adolescente pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM). Graduado em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Patos – UNIFIP. E- mail: icarosilva81@hotmail.com

Rogério Costa Ferro. Especialização em andamento em Processos Educacionais na Saúde pelo Hospital Sírio-Libanês, SIRIO-LIBANÊS, Brasil. Especialização em andamento em Saúde Pública pela Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Brasil. Especialização em Dependência Química pelo Centro Universitário Cesmac, CESMAC, Brasil. Graduação em Psicologia pela Fundação Educacional Jayme de Altavila, FEJAL, Brasil. E-mail: rogeriocostaferro@gmail.com.